

COMPREENSIBILIDADE DE LEITURA ENTRE DISCENTES INICIANTE E CONCLUINTE: O QUE MUDA NO DECORRER DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS?

Mércia de Cássia Lima Alves – merciadecassia@globocom
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marli Auxiliadora da Silva – marli.silva@ufu.br

RESUMO

Para o contador a leitura é essencial para o aprendizado uma vez que a profissão, em grande parte, é regulamentada por Leis e normas, exigindo deste profissional capacidade de desenvolver análise crítica, avaliar as informações recebidas e transmiti-las de maneira clara e concisa, presumindo a compreensibilidade daquilo que se lê. Por isso, investigou-se a compreensibilidade de leitura dos discentes do curso de Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Uberlândia, no Campus Pontal, a partir da aplicação da técnica de Cloze, classificando-a de acordo com os níveis funcionais de leitura ‘frustração, instrucional e independente’. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário elaborado com texto informativo e argumentativo, lacunado conforme a técnica de Cloze tradicional, a uma amostra de 88 (oitenta e oito) discentes. Essa técnica consiste de um texto do qual se suprimem alguns vocábulos, e posteriormente é pedido ao leitor que preencha os espaços com as palavras que melhor completem o sentido do texto. Nesta pesquisa foram considerados como acertos apenas as palavras idênticas ao vocábulo suprimido, sendo que o resultado classifica o respondente de acordo com o número de acertos. Os resultados apontaram que após ingressar no curso ocorreu uma mudança no hábito de leitura dos estudantes: a leitura de entretenimento diminuiu e a leitura informativa, didática e técnica aumentaram. Entre os gêneros textuais lidos durante o curso o que mais se lê, inclusive com periodicidade semanal e quinzenal, são os resumos. Já mensalmente os discentes leem artigos e resenhas. Quanto à compreensibilidade de leitura são os discentes do último período do curso que se classificam no nível independente. Nos demais períodos, a média ponderada de acertos evidenciou nível funcional instrucional. No entanto, os resultados de acertos por classes gramaticais classificam os discentes no nível de frustração, revelando inúmeros erros no tocante ao reconhecimento de palavras e compreensão deficiente.

Palavras-chave: Compreensibilidade de leitura. Técnica de Cloze. Curso de Ciências Contábeis.

1 INTRODUÇÃO

A compreensibilidade de leitura, além de proporcionar acesso a informação, oportuniza o desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades como a criatividade e o senso crítico, fundamentais à realização da capacidade intelectual do ser humano, bem como ao exercício da cidadania (SAMPAIO; SANTOS, 2002). A leitura é considerada por Oliveira, Santos e Primi (2003) como habilidade necessária para a formação acadêmica, visto que por meio da compreensão de leitura o discente desenvolve a capacidade de analisar, sintetizar, criticar e avaliar as informações recebidas. Alcará (2012, p. 41-42) explica que a compreensão de leitura “configura-se como um processo interativo que envolve variáveis inerentes ao texto, tais como, sua estrutura e a complexidade do vocabulário, como também características do leitor, dentre as quais se destacam o interesse pelo assunto e o conhecimento prévio”.

Segundo Tourinho (2011) muito tem se falado sobre a crise da leitura no Brasil, porém não se tem a dimensão exata do problema, uma vez que pesquisas sobre o tema ainda são incipientes e em sua maioria versam sobre alfabetização. Também conforme o autor, no nível

universitário, as pesquisas ainda não mostram significativamente a natureza do aluno-leitor. Mesmo com poucos dados encontrados, verifica-se que a maioria dos estudantes universitários no país despreza a leitura como fonte de informação, entretenimento e crescimento pessoal, limitando-se a ler apenas aquilo que é exigido pelas disciplinas cursadas. Para Nascimento, Garcia e Albuquerque Filho (2019) a leitura é o principal meio de aprendizado e informação, ainda mais para o profissional da contabilidade, uma vez que a profissão em grande parte é regulamentada por leis e normas, exigindo deste profissional a capacidade de desenvolver análise crítica de forma a avaliar as informações recebidas, processá-las, e transmiti-las de maneira clara e concisa aos diversos usuários.

A partir do entendimento de que a compreensão de leitura cria condições para ampliar conhecimentos, sendo “imprescindível para o ensino-aprendizagem no ambiente universitário [...] contribuindo para a formação de profissionais qualificados, de acordo com as especificidades de seu ofício” (NASCIMENTO; GARCIA; ALBUQUERQUE FILHO; 2019, p. 2) busca-se, neste estudo, responder ao seguinte questionamento: qual a compreensibilidade de leitura de discentes do curso de Ciências Contábeis de textos de cunho informativo e argumentativo? O objetivo consiste, portanto, em verificar a compreensibilidade de discentes do curso de Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Uberlândia, no Campus Pontal, a partir da aplicação da técnica de Cloze.

Para a discussão quanto à compreensibilidade de leitura o estudo tem como objetivos específicos: (i) identificar a habitualidade e periodicidade de leituras dos discentes; (ii) classificar a compreensibilidade conforme os níveis funcionais de leitura (frustração, instrucional e independente); (iii) verificar a evolução da compreensibilidade de leitura ao longo dos períodos cursados.

Justifica-se a discussão acerca da compreensibilidade, habitualidade e periodicidade de leitura, bem como sobre a classificação dos níveis funcionais de leitura a fim de conhecer potenciais dificuldades dos discentes do curso e instituição investigada. Com relação às tipologias de leituras habituais, busca-se confirmar se os discentes se atêm às leituras exigidas como afirma Tourinho (2011), ou se diversificam a prática da leitura, como entende ser necessário Nascimento, Garcia e Albuquerque Filho (2019). É possível que ao longo dos períodos cursados para integralização do curso o hábito de leitura tenha sido adquirido ou ampliado, pois como ressalta Tanzawa e Pullin (2012), no ensino superior, a leitura é um dos elementos essenciais para o desempenho acadêmico, pelo fato de se exigir que o discente tenha uma metodologia individual, autônoma e eficiente de leitura.

Outra justificativa para a realização da presente investigação é de natureza pessoal: ao ingressar no curso de Ciências Contábeis imaginei que o curso e o conteúdo das diversas disciplinas seriam apresentados basicamente na forma de números; porém descobri que também tem muita teoria, muita leitura e que a capacidade de compreensão daquilo que se lê é essencial para entendimento do conteúdo. Inclusive há, no projeto pedagógico do curso e planos de ensino, no campo de estratégias de ensino e avaliação, a previsão de leitura de textos, artigos, pronunciamentos contábeis e outros formatos de leitura. Para atuar na área de forma qualificada, o profissional da contabilidade precisa estar apto a receber informações, interpretá-las, inferir julgamento para então transmiti-las de modo claro, preciso e conciso. Para tanto, é necessário ler criticamente, analisar, sintetizar, criticar e avaliar as informações recebidas. Estar diante dessa dificuldade me motivou a querer saber um pouco mais sobre a compreensão de leitura dos discentes, justificando também a realização da presente pesquisa.

Este estudo contribuirá com o curso no sentido de trazer informações quanto à compreensão de leitura dos discentes, bem como para chamar a atenção de gestores e corpo docente para a necessidade de aperfeiçoamento pedagógico que colabore para a melhora da compreensibilidade de leitura, se forem detectadas dificuldades de compreensão, o que corrobora com a formação de profissionais melhor preparados para o mercado de trabalho.

Este estudo é apresentado em cinco seções, sendo a primeira esta introdução. Na sequência tem-se a fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos adotados e a discussão de resultados. Por fim são apresentadas as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção são tratados os conceitos de compreensibilidade e legibilidade, descrevendo-se ainda a técnica de Cloze e estudos correlatos que a utilizaram no âmbito das ciências contábeis.

2.1 Compreensibilidade de Leitura

A iniciação à leitura acontece já nos primeiros anos da vida escolar, visto que ao ingressar no ensino fundamental a criança tem os primeiros contatos com os conteúdos escolares relativos à instrução formal. Ainda que as práticas de iniciação a leitura foquem na decodificação de letras e palavras, o objetivo final é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais venham se deparar, e que tenham capacidade de fazer sobre eles, inferências e verificações, atingindo, assim, a compreensão do conteúdo transmitido no texto (BRASIL, 1997). Compreensão de leitura é, para Cunha (2012), a habilidade que proporciona a integração das informações literais contidas no texto com processos inferenciais e conhecimentos prévios, para interpretação e apropriação coerente da mensagem escrita.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) consta que “o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento”, sendo essencial em sua participação social efetiva (BRASIL, 1997, p. 15). Nos PCN constam também que a leitura não se trata apenas da decodificação das letras ou extração da informação escrita, mas sim de uma atividade que causa indispensavelmente a compreensão.

Um leitor competente é descrito nos PCN como aquele capaz de distinguir dentre as opções de leitura disponíveis aquelas que melhor atendam a uma necessidade sua; compreende não só o que está escrito, mas também consegue identificar elementos implícitos e estabelecer relações entre o que lê e o que foi lido anteriormente (BRASIL, 1997). Segundo Nascimento e Garcia (2016) é indispensável que o texto lido seja compreendido em sua totalidade para que o hábito de leitura atinja o objetivo proposto, pois se não houver a plena compreensão da mensagem apresentada pelo autor através do texto, de nada servirá uma leitura com o objetivo de aprendizado.

Segundo Alcará (2012) e Alcará e Santos (2013) a estrutura do texto, a complexidade do vocabulário, as características do leitor, bem como seu conhecimento prévio e interesse pelo assunto, são variáveis do processo interativo que envolve a compreensão de leitura. Oliveira, Santos e Primi (2003, p. 1) explicam que “ler é muito mais do que interpretar as letras para compreender a mensagem, visto que inclui o sentimento e a atribuição de significado ao texto, além do relacionamento do conteúdo com outros conhecimentos já adquiridos”. A compreensão em leitura não se limita ao papel de proporcionar acesso a informação, também oportuniza o desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades como a criatividade e o espírito crítico, fundamentais a realização da capacidade intelectual do ser humano, bem como ao exercício da cidadania (SAMPAIO; SANTOS, 2002).

Apesar do entendimento de que a compreensibilidade do que se lê desenvolve habilidades e prepara o indivíduo para a inserção social, estudos apontam dificuldades quanto à compreensão de leitura até mesmo no ensino superior. Para Witter (1999 *apud* SILVA *et al.*; 2015, p. 64) “o indivíduo, ao chegar à universidade, já deveria possuir uma capacidade de se adaptar aos diferentes conteúdos, possuindo também um bom desempenho em leitura”. Alves (2008, p. 45) afirma que “a fragilidade na leitura ocorre já no início do ensino fundamental,

mesmo diante do discurso que os alunos devem ler para se tornarem cidadãos críticos e criativos”, ingressando no ensino superior com significativas dificuldades de leitura. Para Tourinho (2011, p. 341), o limitado hábito de leitura também se reflete consideravelmente na escrita, pois de acordo com o autor “[...] o estudante de nível superior assusta-se diante de uma realidade que não é sua, a de ter que estar às voltas com enorme quantidade de leituras exigidas, seguidas de uma extensa labuta com a escrita interpretativa dessas leituras”.

Fernandes e Maia (2013) argumentam que em contraste com a riqueza de informações e pesquisas sobre os hábitos e as competências de leitura dos alunos de ensino médio e fundamental, pouco se sabe sobre o comportamento leitor dos universitários brasileiros. As informações disponíveis sobre o assunto são oriundas de estudos de caráter geral ou muito restrito. O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), medido pelo Instituto Paulo Montenegro, e a Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, por meio de pesquisas nacionais de grande amplitude, fornecem informações sobre o tema, porém em virtude da abrangência dos resultados de suas pesquisas nem sempre é possível identificar com precisão os hábitos de leitura dos universitários (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2011; INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2015).

Em consonância a Alves (2008) e Tourinho (2011) que afirmam que os estudantes ingressam na universidade com significativo atraso de leitura, e que essa fragilidade decorre da formação no ensino fundamental, Fernandes e Maia (2013) destacam que é preciso conhecer o quê e quanto os estudantes universitários leem, de modo a superar essas dificuldades e, assim, buscar meios para promover hábitos de leitura compatíveis com as exigências de um curso superior. No ambiente universitário, Lousada (2018) explica que é exigido do discente a leitura e redação de diferentes gêneros textuais com objetivo de formação geral e profissional. Entre os textos para a formação geral a autora cita resumos, sínteses, resenhas, fichamentos e respostas a questões dissertativas e trabalho final de curso, entre outros. Já entre textos para formação profissional a autora cita relatórios de estágios, planos de aula e relatórios de experiência.

A importância do hábito de leitura, em qualquer gênero textual, pode ser observada em considerações de Marcuschi (2002) que afirma ser impossível a comunicação verbal a não ser por algum gênero textual, pois estes são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano e contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Marcuschi (2002) destaca ainda que os gêneros textuais são inúmeros e cita alguns exemplos como: artigo científico, resumo de um artigo, prefácio de um livro, lista telefônica, romance, reportagem jornalística, aula expositiva, notícia jornalística, conversa espontânea, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, poema, piada, discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso e outros.

No ensino superior, em qualquer curso de graduação, exige-se dos discentes “posturas argumentativas e críticas” (JOLY; PAULA; 2005, p. 33) que lhes propiciem condições de autoria nas diferentes produções acadêmicas, orais e escritas, que deve realizar. No entanto, muitos discentes desconhecem o gênero de textos que lhes é prescrito para estudo (TANZAWA; PULLIN, 2012). A leitura, no ensino superior, compreende textos teóricos e relato de pesquisas, que por suas características foram denominados por Carlino (2003, p. 1) de textos acadêmicos, porque são “derivados de textos científicos não escritos para eles, mas para quem conhece as linhas de pensamento e as polêmicas internas de cada campo de estudo”. Para sua leitura, Tanzawa e Pullin (2012, p. 266) entendem que os discentes “precisam conhecer, além dos termos técnicos específicos de cada campo disciplinar, a estrutura e os recursos linguísticos admissíveis pela comunidade disciplinar na qual e para a qual o texto foi produzido”.

Também em cursos de bacharelado como Ciências Contábeis, a habilidade de leitura, de diferentes gêneros textuais, é requerida. Para o curso de Ciências Contábeis nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) é citado que o futuro profissional contábil deve adquirir habilidades e competências como a capacidade de gerar e disseminar informações contábeis com precisão, uma vez que tais informações poderão ser utilizadas nos processos decisórios das organizações (MEC, 2004), e por isso a leitura é necessária.

Para atender ao disposto nas DCN é necessário que o discente tenha o domínio de leitura e compreensibilidade daquilo que se lê. Especialmente para o universitário o domínio da leitura é muito relevante, visto ser por meio dela que se dá o acesso ao conteúdo de diversas disciplinas. Sobre o profissional da contabilidade, Vuolo, Dallabona e Pletsch (2018) afirmam que uma das características essenciais a esse profissional, no cumprimento do ofício, é a capacidade de compreensão, pois é necessário que o contador ou contadora sejam capazes de compreender ações, realizar análises detalhadas nas organizações para antecipar e promover suas transformações.

Lang, Zanchett e Domingues (2007) citam que a característica que irá distinguir o profissional de sucesso dos demais está relacionada a sua habilidade de compreensão de leitura. Se bem desenvolvida, esta característica provavelmente permitirá que o profissional entenda as informações pertinentes à sua atuação, possibilite o conhecimento necessário para a tomada de decisões e estabeleça o perfil atualizado de um bom profissional por meio deste processo de aprendizagem. Para Santana Júnior, Pereira e Lopes (2008) já não é suficiente apenas o conhecimento técnico inerente ao ofício, porque o atual profissional da contabilidade deve estar integrado com as diversas áreas do conhecimento, ser capaz de selecionar dados, fornecer informação, e, sobretudo possuir habilidade para produzir o saber necessário para agir e agregar valores à sua empresa.

Cardoso e Riccio (2010) afirmam que entre as competências do profissional da contabilidade a habilidade de comunicação, seja ela verbal ou escrita, é vital para o contador. Da mesma forma, Nascimento e Garcia (2016) ressaltam que dentre as competências exigidas para o contador, a comunicação é definida como a capacidade de entender mensagens e ser entendido, se fazer entender por escrito e verbalmente; e a competência analítica, é também uma habilidade que se destaca, pois esta requer capacidade de analisar o problema, a informação ou a situação, demonstrando afinidade com a habilidade de compreensão textual. Nas competências relacionadas ao conhecimento é possível perceber a importância da compreensão de leitura na medida em que conceitos e normas devem ser plenamente entendidos para sua correta aplicação. Dada a importância da compreensibilidade daquilo que se lê a técnica de Cloze foi desenvolvida para se avaliar essa compreensão.

2.2 Testes para mensurar a compreensibilidade de leitura

Existem vários instrumentos ou técnicas para se avaliar a compreensibilidade de leitura, as quais têm sido usadas em estudos objetivando avaliar essa compreensão. O Teste de Facilidade de Leitura – “Flesch Readability Fórmula”, por exemplo, criado por Rudolf Flesch em 1948, trata-se de um conjunto de variáveis traduzidas em fórmulas matemáticas, ou seja, métricas que avaliam superficialmente um texto, derivadas de técnicas estatísticas como análise de regressão. Essa fórmula considera que a relação entre o tamanho da frase e o tamanho da palavra influencia na compreensão de textos (CUNHA, 2008; COSTA, 2014).

A Fórmula de Legibilidade Dale-Chall criada por Edgar Dale e Jeanne Chall é inspirada na fórmula de Flesch, sendo também um conjunto de variáveis traduzidas em fórmulas matemáticas para verificar a legibilidade. Esta técnica dá maior atenção ao léxico do texto. Para o teste, Dale e Chall criaram uma lista com 763 palavras que posteriormente foi atualizada para 3.000 palavras consideradas básicas, sendo que todas as palavras que não estão na lista são consideradas difíceis. Para verificar a legibilidade a Fórmula Dale Chall

considera quantas palavras do texto não fazem parte da lista e a relação entre o tamanho das frases e quantidade de palavras contidas no texto. A idéia central do teste é que o texto escrito com palavras familiares torna mais fácil a leitura e consequentemente sua compreensão (CURTO, 2014; AMORIM *et al.*, 2015).

O Fog Index, ou Índice Gunning Fog, foi desenvolvido por Robert Gunning em 1952 para textos escritos na língua inglesa. Esta fórmula estima o grau de legibilidade e classifica os níveis de compreensão em complexo, difícil, ideal e infantil. Nele as variáveis consideradas são o número médio de palavras por frase e a porcentagem de palavras com mais de duas sílabas. Na aplicação do índice Fog é separado um trecho do texto com cerca de 100 palavras, na sequência calcula-se o tamanho médio das frases deste trecho dividindo o número de palavras pelo número de frases; posteriormente é calculada a porcentagem de itens lexicais difíceis (palavras com mais de duas sílabas); finalmente é utilizada a seguinte fórmula: $0,4 \times [(tamanho\ médio\ das\ frases) + (porcentagem\ de\ itens\ lexicais\ difíceis)]$, retornando como resultado o grau escolar que o leitor precisa para a compreensão do determinado texto (CURTO, 2014; ZOBARAN, 2019).

Além dos testes retro mencionados, a técnica de Cloze, que é usada nesta pesquisa para mensurar a compreensibilidade de leitura de discentes, é apresentada de maneira mais detalhada. A técnica de Cloze foi criada por Taylor em 1953. Sohngen (2002) informa que à época, ao apresentar a técnica, Taylor apresentou também os resultados de vários experimentos onde comparava os resultados obtidos com o Cloze e com as fórmulas de Flesch e Dalle-Chall. Neste experimento Taylor utilizou vários textos e quatro diferentes formas de supressão, onde foram realizadas supressões a cada 5ª, 7ª, 10ª palavra e também 10% ao acaso: em cada texto um conjunto distinto de palavras inteiramente diferentes foi apagado. Os resultados sugerem que o procedimento Cloze parece ser superior às duas fórmulas por medir a dificuldade dos textos e distinguir entre diferentes níveis de leituraabilidade.

Sohngen (2002) explica que na década de 70 muitas pesquisas foram realizadas objetivando identificar o sistema de apagamento e o procedimento de escore que alcançasse os melhores resultados, popularizando-se o procedimento que utilizava amostras de textos com no mínimo 250 a 300 palavras e supressão a cada 5ª palavra do texto, mantendo-se o primeiro e último parágrafos intactos para situar o leitor no contexto. Nesse sentido, o comprimento do texto deve ser considerado de modo que seja possível lacunar o mínimo de 50 palavras. Por exemplo, um texto com 350 palavras dividido por 50 chegará a uma frequência de apagamento a cada 7ª palavra e um texto com 400 palavras obterá uma frequência de apagamento a cada 8ª palavra. Assim sendo, deve-se considerar o comprimento do texto no procedimento de apagamento uma vez que este irá interferir na contagem das palavras apagadas. A lacuna deve ter uma extensão padronizada, por exemplo, 15 espaços em cada supressão, afim de não influenciar o leitor quanto ao comprimento da palavra retirada.

Sobre as regras para preparação do texto para aplicação da técnica de Cloze, autores como Andrade e Martins (2003), Lang, Zanchett e Domingues (2007) e Nascimento *et al.* (2017), entre outros, concordam que estas variam conforme o objetivo do teste. O critério mais utilizado é a omissão sistemática de palavras, podendo ser realizado de forma racional omitindo-se os vocábulos de maneira constante, por exemplo, todo 5º ou 7º vocábulo; ou de maneira aleatória, quando, por exemplo, se suprime 20% do texto. Os mesmos autores explicam que o procedimento de Cloze pode ser objetivo ou subjetivo: quando objetivo, em cada lacuna o respondente contará com alternativas de respostas para o preenchimento destas; se for subjetivo o respondente preencherá cada espaço com a palavra que ele julgue mais adequada para completar o sentido do texto.

Sobre a supressão de palavras, Sohngen (2002) considera que um apagamento randômico fornece escores de maior leituraabilidade. Autores como Lima (2015), Bispo (2016) e Abreu *et al.* (2017) apontam que tem sido utilizadas diversas formas metodológicas de

aplicação do teste Cloze em função de se poder elaborá-lo conforme o objetivo que se pretende alcançar.

Leffa (1996), Sohngen (2002), Lima (2015), Bispo (2016), Abreu *et al.* (2017) afirmam que as várias adaptações no teste de Cloze proposto por Taylor ocorreram tanto em relação a elaboração quanto em relação a correção. A contagem das substituições exatas mesmo que desconsiderando erros ortográficos é o método de escore preferido para medir compreensão (SOHNGEN, 2002). Originariamente para correção só era aceita a palavra exata retirada do texto; posteriormente passou-se a considerar como corretas as palavras sinônimas. Entretanto, Sohngen (2002) informa que comparando os resultados dos testes, Taylor concluiu que ao se considerar as palavras sinônimas, a correção se torna mais trabalhosa e não resulta em diferenças significativas entre os resultados.

Alcará (2012) também afirma que o teste de Cloze pode ser corrigido de duas formas: literal e sinônima. Na correção literal é considerado acerto apenas o espaço preenchido com a palavra exata que foi omitida no texto, respeitando-se a grafia e a acentuação. Já na correção sinônima considera-se acerto o preenchimento da lacuna com a palavra exata ou com um sinônimo. Para a correção normalmente se atribui um ponto a cada acerto e zero para cada erro. A pontuação final obtida pela soma dos pontos pode variar de zero a 50 pontos ou então de zero a “n” pontos a depender da quantidade de supressões realizadas no texto.

Para interpretar os resultados, a prática atual é converter as pontuações em níveis funcionais de leitura (ANGLAT, 2008; JOLY *et al.*, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2012) classificados como independentes, de instrução e frustração. O nível independente significa que o aluno lê fluentemente, com precisão e compreende a maior parte do texto. No nível instrucional a leitura é menos fluída que no nível anterior porque aparecem dificuldades quanto ao reconhecimento de palavras, embora o leitor capte o conteúdo e sua estrutura, mostra algumas falhas no entendimento do texto lido. O nível de frustração implica que existem inúmeros erros de reconhecimento de palavras e a compreensão é deficiente.

Os níveis para classificação dos níveis funcionais de leitura e compreensão para textos em português, segundo Vuolo, Dallabona e Pletsch (2018), consideram o enquadramento do leitor no nível de frustração quando há acertos de até 44% do total do texto, indicando pouco êxito na compreensão. O respondente que alcançar um percentual de compreensão entre 45% e 57% classifica-se no nível instrucional; mesmo precisando de auxílio externo como de um professor, por exemplo, este percentual demonstra que há compreensão suficiente. Os respondentes com percentual de compreensão acima de 57% de acertos se classificam como independentes, indicando uma compreensão autônoma do texto pelo leitor.

A técnica de Cloze é usada em diversos estudos acadêmicos a fim de identificar e discutir a compreensibilidade de leitura de discentes no âmbito do ensino superior, inclusive em cursos de ciências contábeis como evidenciam estudos correlatos.

2.3 Estudos correlatos

Andrade (2004) utilizando a técnica de Cloze investigou se os livros de contabilidade utilizados nos cursos introdutórios são compreensíveis. Para realizar o estudo foram analisados os dois livros mais adotados de contabilidade introdutória pelas universidades públicas brasileiras. Participaram do estudo 213 discentes do curso de ciências Contábeis do departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. O estudo concluiu que os livros são compreensíveis e adequados aos períodos considerados.

Costa, Aquino, Lima e Santiago (2005) realizaram pesquisa com 31 discentes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com objetivo de verificar se existe relação entre o desempenho obtido na disciplina de Contabilidade de Custos I e os resultados do teste Cloze. Para aplicação do teste foi

selecionado um trecho do livro de Contabilidade de Custos adotado na disciplina. A hipótese considerada na pesquisa foi de que existe relação entre o desempenho obtido pelos alunos e a sua pontuação nos testes de Cloze. Segundo os autores, os resultados mostraram que a obtenção de um maior número de acertos no teste cloze não significa que o discente obterá bom desempenho na disciplina. No entanto, para o discente que não consegue obter um nível de autonomia na leitura e compreensão do livro texto, o desempenho apresentado na disciplina poderá ser ruim. Foi confirmada, em parte, a hipótese do estudo, pois apenas para os discentes com menor número de acertos identificou-se relação com o desempenho.

Costa *et al.* (2006) realizaram pesquisa com 291 estudantes universitários, sendo 133 discentes matriculados no curso de ciências contábeis da Universidade de Brasília e 158 discentes matriculados no curso de administração da Uniminas. O objetivo da pesquisa foi analisar o grau de compreensibilidade e legibilidade do relatório de administração da Petrobrás referente ao exercício de 2005, e verificar se existe relação entre esses resultados e o locus de controle que os autores explicaram tratar-se das motivações e justificativas dos alunos. Como procedimentos metodológicos os autores usaram a técnica Cloze e a técnica Flesch, para avaliar o grau de compreensibilidade e legibilidade dos relatórios de administração. Os escores do teste de Cloze indicaram que para 57% dos alunos do curso de Administração e 33% dos alunos de Ciências Contábeis o relatório de administração da Petrobrás possui baixo grau de compreensibilidade. A legibilidade do relatório de administração da Petrobrás foi classificada pelo escore Flesch como ‘fácil’ com 64 pontos.

Oliveira e Oliveira (2007) analisaram a compreensão de leitura e as condições de estudo de universitários ingressantes dos cursos de radiologia, psicologia e ciências contábeis de uma universidade privada do sul do estado de Minas Gerais por meio da técnica de Cloze. Os resultados evidenciaram baixa compreensão de leitura e ocorrência de diferença estatisticamente significativa entre os cursos.

Nascimento e Garcia (2016) analisaram a temática da leitura relacionando-a com as competências específicas que o profissional contábil deve obter, objetivando identificar a contribuição do hábito de leitura e compreensão de texto dos estudantes de ciências contábeis para a sua formação profissional como contadores, a partir da aplicação do teste de Cloze. Em relação à compreensão textual auferida no teste de Cloze, os resultados demonstram que a maior parte dos leitores se encontra nos níveis de frustração e instrucional por possuírem pouca compreensão em leitura, o que reflete negativamente para o desenvolvimento de competências por meio da leitura.

Nascimento *et al.* (2017) realizaram estudo com o objetivo de evidenciar questões subjacentes que fomentem a condução de pesquisas no contexto brasileiro através de uma revisão da literatura mediante consultas aos sites dos principais congressos da área e às bases de dados de artigos científicos sobre estudos empíricos que mensuraram o nível de compreensão de leitura de graduandos em Contabilidade, no período de 1974 a 2015. Notou-se que a utilização de livros, demonstrações, normas contábeis e, mais recentemente, pareceres de auditoria e relatórios da administração é relativamente presente na avaliação da compreensibilidade.

Vuolo, Dallabona e Pletsch (2018), aplicaram a técnica de Cloze para analisar a compreensibilidade de leitura de 145 estudantes do curso de ciências contábeis de uma universidade do Sul do Brasil em relação a assuntos envolvendo o profissional contábil que são discutidos em algumas disciplinas do curso como ética profissional, contabilidade I, contabilidade de custos, contabilidade tributária, auditoria, legislação trabalhista e previdenciária. De modo geral, os resultados demonstraram que a maioria dos estudantes não possui habilidade de leitura suficiente, dificultando a compreensão do texto de cada tema.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa exploratória teve como objetivo investigar a compreensibilidade de leitura de discentes do curso de Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Uberlândia, no Campus Pontal, a partir da aplicação da técnica de Cloze, bem como (i) identificar a habitualidade e periodicidade de leituras dos discentes; (ii) classificar a compreensibilidade conforme os níveis funcionais de leitura (frustração, instrucional e independente); (iii) verificar a evolução da compreensibilidade de leitura ao longo dos períodos cursados.

Quanto aos procedimentos para coleta de dados realizou-se levantamento (*survey*) com discentes do curso de graduação em Ciências Contábeis da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social (FACES) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A escolha por aplicar a pesquisa neste curso e instituição se deve a acessibilidade aos discentes e a possibilidade de aplicação pessoal e presencial do instrumento de pesquisa. Também por se tratar de uma universidade pública, a pesquisa poderá levar à estudos futuros aplicados em outros cursos da mesma instituição e também em universidades particulares, para comparações, a exemplo da sugestão de Vuolo, Dallabona e Pletsch (2018). A amostra final será não probabilística e por acessibilidade.

Para mensurar a compreensibilidade de leitura usou-se a técnica de Cloze Tradicional, considerada como um dos procedimentos mais utilizados na avaliação da legibilidade linguística e conceitual de textos (NASCIMENTO; GARCIA, 2016). É importante ressaltar que no âmbito das ciências contábeis, assim como em outras áreas do conhecimento, estudos utilizando essa técnica têm sido desenvolvidos com objetivo similar ao proposto nesta pesquisa. Sobre as variações das aplicações da técnica de Cloze, Oliveira *et. al* (2009), fundamentadas em Condemarim e Milicic (1988), elencam algumas formas de aplicação do referido teste, como exposto no Quadro 1.

Quadro 1 - Variações das aplicações da técnica de Cloze

Tipo de Cloze	Descrição das supressões
Cloze Tradicional	É realizada a omissão sistemática do quinto vocábulo.
Cloze Lexical	São omitidos substantivos, adjetivos, advérbios entre outros.
Cloze Gramatical	São omitidos itens relacionais, verbos, conjunções, artigos entre outros.
Cloze Labirinto	O leitor escolhe as palavras que completam o texto a partir de três opções previamente estabelecidas.
Cloze Pareado	São omitidas cinco palavras por oração, as quais serão dispostas aleatoriamente em um quadro ao lado da oração lacunada, o leitor deve eleger as palavras que dão sentido as lacunas.
Cloze Restringindo	As palavras omitidas são posicionadas ao lado ou abaixo do texto. O leitor deverá escolher a palavra que dá sentido a cada espaço, sendo que cada palavra corresponde a uma omissão.
Cloze com Chaves de Apoio	Em vez de um risco contínuo faz-se pequenos riscos que representam cada letra omitida.
Cloze Pós Leitura Oral	Igual ao Cloze Tradicional, sendo que antes de iniciar o preenchimento do teste o leitor deve fazer uma leitura de todo o texto e só após preencher as lacunas.
Cloze Interativo	O leitor deve justificar cada palavra que ele escolha para preencher as lacunas. O ideal é que o avaliador anote as justificativas.
Cloze Cumulativo	Apenas uma palavra é omitida sistematicamente e o leitor deve identifica-la.
Cloze de Múltipla Escolha	O leitor deve escolher uma opção dentre as várias alternativas oferecidas.

Fonte: Adaptado de Lima (2015) e Oliveira *et al.* (2009).

Para coleta de dados foi construído questionário onde a primeira parte é composta por um termo de consentimento no qual o/a discente concorda em participar da pesquisa, bem como informa seu número de matrícula e período no qual cursa o maior número de disciplinas. Nessa primeira parte ainda são levantadas informações sociodemográficas quanto ao sexo e idade do discente e outras informações gerais relativas aos hábitos e periodicidade

de leitura antes e após o ingresso no curso, e ainda os gêneros textuais lidos durante a integralização do curso. A segunda parte do instrumento de pesquisa foi constituída por um texto informativo e argumentativo, de 2019, retirado da página *online* Mundo Educação, escrito por Amarolina Ribeiro que discute a participação feminina no mercado de trabalho. O texto preparado para a aplicação consta no Apêndice A.

O texto contém 420 palavras e foi preparado na forma tradicional do teste de Cloze, sendo o primeiro parágrafo preservado para contextualização do assunto pelo respondente. Foi realizada lacunação sistemática a cada 7ª palavra perfazendo um total de 50 lacunas, cujo espaço para respostas foi tracejado. Após a preparação do texto o instrumento de pesquisa foi aplicado como pré-teste em 4 de dezembro de 2019 a três discentes do décimo período a fim de identificar erros/incompreensão nos enunciados das questões e para mapeamento do tempo de resposta. Foi relatada que a maior dificuldade foi a contagem dos tracejados - cada lacuna foi tracejada com a quantidade de letras da palavra suprimida -, o que fazia com que ficassem contando os traços para o encaixe da palavra. Devido à dificuldade relatada que acabava por influenciar o respondente, optou-se por preencher o espaço lacunado com um traço contínuo proporcional ao tamanho da palavra suprimida.

O instrumento foi aplicado nas salas de aula para discentes do segundo, quarto, sexto, oitavo e décimo período no segundo semestre de 2019, no período noturno entre os dias 05 e 06 de dezembro de 2019. De uma população de 160 alunos, responderam ao questionário 88 discentes, sendo esta a amostra da pesquisa. A baixa taxa de respostas é creditada ao momento da aplicação do instrumento de pesquisa, visto ser um período de provas e encerramento do semestre letivo com poucos alunos em sala. O tempo mínimo de resposta foi de 29 minutos e o tempo máximo de 53 minutos.

Quando da tabulação das respostas foram consideradas corretas as palavras idênticas àquelas retiradas do texto. A cada acerto foi atribuído 1 e a cada erro ou resposta em branco atribuiu-se 0. Por meio de estatística descritiva os percentuais de respostas corretas foram comparados ao número de erros e respostas em branco. Essa tabulação foi realizada por meio de planilhas eletrônicas do software *Microsoft Excel®*, mediante as quais classificou-se o nível de compreensibilidade: se é baixo – até 44% de acertos (nível de frustração); se é mediano – de 45% a 57% de acertos (nível instrucional); se é alto – acima de 57% de acertos (nível independente).

4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nessa seção são discutidos os resultados relativos à compreensibilidade de leitura dos discentes do curso de Ciências Contábeis da FACES-UFU. Os dados descritivos que caracterizam o perfil sociodemográfico dos discentes são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico

n=88			
Variáveis	Descrição	f	f(%)
Período cursado	2º	30	34,1%
	4º	15	17,0%
	6º	20	22,7%
	8º	13	14,8%
	10º	10	11,4%
Sexo	Feminino	52	59,1%
	Masculino	36	40,9%
Idade	Até 24 anos	56	63,6%
	De 25 a 34 anos	22	25,0%
	De 35 a 44 anos	03	3,4%
	45 anos ou mais	06	6,8%

Fonte: dados da pesquisa.

Nota-se que a maioria dos discentes participantes desta pesquisa é do sexo feminino (59,1%). Prevaecem entre os respondentes os discentes do 2º período. A idade da maior parte situa-se no intervalo de até 24 anos (63,6%). Oportuno ressaltar que os intervalos usados para classificação da variável ‘idade’ são idênticos ao usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos recenseamentos.

Os hábitos de leitura dos discentes antes e após o ingresso no curso, bem como os tipos de leitura realizados durante a integralização do curso foram questionados na primeira parte do questionário também. A frequência de leitura foi dividida em leitura diária, semanal, quinzenal, mensal, anual e nunca. O mapeamento das respostas à habitualidade de leitura antes do ingresso no curso é apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Hábitos de leitura antes do ingresso no curso

Tabela 2 – Hábitos de leitura antes do ingresso no curso														
N=87														
Tipos de leitura	Períodos	Periodicidade												Σ(%)
		Diária		Semanal		Quinzenal		Mensal		Anual		Nunca		
		f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	
Entretimento	2º	06		03		05		06		09		01		
	4º	02		03		01		05		02		02		
	6º	04		03		00		05		03		05		
	8º	04		07		01		01		00		00		
	10º	01		01		00		06		01		00		
		17	19,5	17	19,5	07	8,0	23	26,4	15	17,2	08	9,2	100,0
Informativa	2º	08		06		02		05		05		04		
	4º	02		02		04		00		02		05		
	6º	04		07		01		04		00		04		
	8º	03		07		02		01		00		00		
	10º	03		04		00		00		01		01		
		20	23,0	26	29,9	09	10,3	10	11,5	08	9,2	14	16,1	100,0
Livros didáticos	2º	06		02		01		06		06		09		
	4º	03		01		01		03		02		05		
	6º	02		01		02		05		05		05		
	8º	02		01		00		03		05		02		
	10º	00		02		00		02		01		04		
		13	14,9	07	8,0	04	4,6	19	21,8	19	21,8	25	28,7	100,0
Leitura técnica	2º	01		00		01		01		04		23		
	4º	00		01		00		00		05		09		
	6º	00		01		01		00		06		12		
	8º	01		01		02		00		03		06		
	10º	01		02		00		00		01		05		
		03	3,4	05	5,7	04	4,6	01	1,1	19	21,8	55	63,2	100,0
Geral		53		55		24		53		61		102		

Fonte: dados da pesquisa.

Os tipos de leitura foram divididos em entretenimento, informativa, didática e técnica. No instrumento de pesquisa foram colocados exemplos para cada tipologia. Por exemplo: leitura de entretenimento poderia ser um gibi, romance, jornais e similares; a leitura informativa poderia ser de jornais e revistas; a leitura didática seriam livros escolares, enquanto a leitura técnica tratava-se de leis. Esses exemplos são semelhantes à classificação dos gêneros textuais descritos por Marcuschi (2002). Os resultados na Tabela 2 mostram que os discentes já possuíam hábitos de leitura antes de ingressar no curso prevalecendo a leitura de entretenimento, informativa e livros escolares. No entanto, é alta a frequência daqueles que responderam nunca terem lido uma leitura técnica (63,2%), livros didáticos / escolares (28,7%), e leitura informativa (16,1%).

A pergunta foi repetida para identificar se a habitualidade e periodicidade de leitura aumentaram após o ingresso no curso mantendo-se os mesmos exemplos para os tipos de leitura exemplos, mas ampliando os exemplos para a leitura técnica: além de leis em geral citou-se os Pronunciamentos Contábeis, Normas de Contabilidade (CFC) e Normas de Auditoria, visto que no curso de Ciências Contábeis esse tipo de leitura é exigido em diversas disciplinas. O resultado é apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 – Hábitos de leitura após o ingresso no curso

Tabela 5 – Hábitos de leitura após o ingresso no curso														
N=87														
Tipos de leitura	Períodos	Periodicidade de leitura												Σ(%)
		Diária		Semanal		Quinzenal		Mensal		Anual		Nunca		
		f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	
Entretimento	2º	06		02		04		04		10		04		
	4º	01		03		00		03		05		03		
	6º	02		03		00		04		05		06		
	8º	01		06		01		03		01		01		
	10º	00		02		00		01		05		01		
		10	11,5	16	18,4	05	5,7	15	17,2	26	29,9	15	17,2	100,0
Informativa	2º	11		05		03		05		04		02		
	4º	01		04		03		02		01		04		
	6º	05		05		02		05		00		03		
	8º	05		04		03		01		00		00		
	10º	05		02		00		00		02		00		
		27	31,0	20	23,0	11	12,6	13	14,9	07	8,0	09	10,3	100,0
Livros didáticos	2º	01		09		05		06		02		07		
	4º	00		05		02		02		01		05		
	6º	00		03		06		07		03		01		
	8º	02		04		04		01		02		00		
	10º	00		03		02		02		01		01		
		03	3,4	24	27,6	19	21,8	18	20,7	09	10,3	14	16,1	100,0
Leitura técnica	2º	01		07		02		03		05		12		
	4º	00		03		03		04		01		04		
	6º	00		05		06		05		02		02		
	8º	01		06		02		03		01		00		
	10º	00		03		03		02		01		00		
		02	2,3	24	27,6	16	18,4	17	19,5	10	11,5	18	20,7	100,0
Geral		42		84		51		63		52		56		

Fonte: dados da pesquisa.

É possível perceber que houve uma mudança no hábito de leitura após o ingresso no curso: a frequência de leitura de entretenimento semanal, quinzenal e mensal reduziu ao passo que a frequência anual e nunca aumentaram. Já a frequência de leitura informativa, didática e técnica aumentaram. Destaque é dado à leitura informativa que passou a ser diária. A leitura técnica aumentou a periodicidade, tanto semanal, quanto quinzenal e mensal, embora tenha discentes que afirmaram que nunca fazem esse tipo de leitura.

Embora tenham sido exemplificados os gêneros textuais na discussão sobre a leitura anterior e posterior ao ingresso no curso, também foi perguntado sobre os gêneros textuais que Lousada (2018) explica que é exigido do discente no ensino superior com objetivo de contribuir para sua formação geral e profissional. Entre os textos para a formação geral a autora cita resumos, sínteses, resenhas e fichamentos entre outros. Na Tabela 4 são sintetizadas as respostas.

Importante destacar que além dos gêneros textuais citados por Lousada (2018) o discente poderia assinalar a opção ‘outros’, tendo sido informado que nessa tipologia inseriam-se leituras informativas e de entretenimento.

Tabela 4 – Gêneros textuais lidos durante o curso (são leituras didáticas e técnicas)

Tabela 1 - Gêneros textuais lidos durante o curso (das leituras diretas e indiretas)														
		N=87												Σ(%)
Gêneros textuais	Períodos	Periodicidade de leitura												
		Diária		Semanal		Quinzenal		Mensal		Anual		Nunca		
		f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	
Artigos	2º	00		18		04		07		01		00		
	4º	00		02		02		07		03		01		
	6º	00		04		05		07		04		00		
	8º	01		02		05		04		01		00		
	10º	00		02		00		07		00		00		
		01	1,1	28	32,2	16	18,4	32	36,8	09	10,3	01	1,1	100,0
Resenhas	2º	00		12		05		09		02		02		
	4º	00		01		02		06		03		03		
	6º	01		02		02		07		05		03		
	8º	01		00		04		02		05		01		
	10º	00		02		02		03		01		01		
		02	2,3	17	19,5	15	17,2	27	31,0	16	18,4	10	11,5	100,0
Resumos	2º	00		16		06		05		01		02		
	4º	00		05		04		04		01		01		
	6º	01		04		05		05		04		01		
	8º	01		04		03		03		02		00		
	10º	00		01		00		08		00		00		
		02	2,3	30	34,5	18	20,7	25	28,7	08	9,2	04	4,6	100,0
Capítulos de livros	2º	01		07		04		11		02		05		
	4º	02		03		02		02		03		03		
	6º	00		08		04		05		01		02		
	8º	02		02		05		01		03		00		
	10º	00		01		02		05		01		00		
		05	5,7	21	24,1	17	19,5	24	27,6	10	11,5	10	11,5	100,0
Outros	2º	04		02		01		07		01		15		
	4º	02		03		02		02		02		04		
	6º	01		03		02		00		03		11		
	8º	07		01		00		02		01		02		
	10º	01		01		04		01		01		01		
		15	17,2	10	11,5	09	10,3	12	13,8	08	9,2	33	37,9	100,0
Geral		10	11,5	96	110,3	66	75,9	108	124,1	43	49,4	25	28,7	

Fonte: dados da pesquisa.

Entre os gêneros textuais lidos durante o curso os resultados evidenciam que diariamente os discentes preferem outros tipos de leitura diferentes dos gêneros textuais normalmente exigidos na Universidade. Semanalmente e quinzenalmente o gênero mais lido são os resumos; mensalmente os artigos e as resenhas. Aproximados 11,5% responderam que nunca leem resenhas e capítulos de livros e 37,9% não leem outros gêneros textuais. Artigos científicos é o gênero textual menos citado como leitura habitual e periódica pelos discentes.

4.1 Análise da compreensibilidade de leitura

Para a análise da compreensibilidade de leitura e classificação conforme os níveis funcionais de leitura - frustração, instrucional e independente - baseou-se em Sohngen (2002) que explica que a correção sinônima não apresenta diferenças significativas nos resultados entre os dois métodos de correção - literal ou sinônima -, apenas torna a correção mais trabalhosa. E, de acordo com Anglat (2008) considerar sinônimos pode fazer com que o teste seja menos confiável, uma vez que este passa a depender de critérios subjetivos do avaliador. Portanto, para cálculo dos acertos considerou-se apenas palavras idênticas àquelas do autor do texto usado no instrumento de pesquisa.

Na aplicação foi usada a técnica Cloze Tradicional com a omissão sistemática dos sétimos vocábulos que, lexicalmente, são classificados como substantivos, adjetivos,

advérbios, artigos e outros como descrito no Quadro 2, onde se observa que alguns artigos e substantivos foram suprimidos mais de uma vez.

Quadro 2 – Classificação lexical dos vocábulos omitidos no Teste Cloze

Adjetivo	Advérbio	Artigo	Conjunção	Contração	Preposição	Pronome	Substantivo	Verbo
social	mesmo	a	E (4)	Da (2)	com	diversos	salário	encontram
principais		as (3)		do	em	aquelas	trabalho (2)	recebem
pessoal		os (2)		na	de (2)		exemplo	exercícios
impossível		um		no	para		cargos	é
				desse			maioria	vir
				disso			valorização	
							discrepância	
							mulher	
							vida	
							diminuição	
							creches	
							debate	
							gênero	
							condições	
04	01	07	04	07	05	02	15	05

Fonte: dados da pesquisa.

Para o cálculo do número de acertos e a classificação dos níveis funcionais de leitura dos discentes, por período, criou-se uma tabela de contingência para a ocorrência de palavras, isto é, para quantificar quantos acertos, por período cursado, deveriam aparecer. A ocorrência é o resultado do produto do número de vocábulos, por classe gramatical, pelo número de discentes respondentes por produto como demonstrado no Quadro 3.

Quadro 3 - Ocorrência das palavras

Classe gramatical	Quantidade de palavras por classe	Ocorrências por período				
		30 discentes	15 discentes	20 discentes	13 discentes	10 discentes
		2º período	4º período	6º período	8º período	10º período
Adjetivo	04	120	60	80	52	40
Advérbio	01	30	15	20	13	10
Artigo	07	210	105	140	91	70
Conjunção	04	120	60	80	52	40
Contração	07	210	105	140	91	70
Preposição	05	150	75	100	65	50
Pronome	02	60	30	40	26	20
Substantivo	15	450	225	300	195	150
Verbo	05	150	75	100	65	50

Fonte: dados da pesquisa.

Após conhecer a ocorrência de palavras por período foram tabuladas, individualmente, as respostas ao preenchimento dos espaços em branco mapeando-se o total de acertos por vocábulo omitido, a fim de calcular o percentual de acertos por classe gramatical, por período. Na Tabela 5 são vistos os resultados do total de acertos e percentual para cada período.

Tabela 5 – Acertos por classe gramatical

Períodos	Classe gramatical									Média(%)
	Adjetivo	Advérbio	Artigo	Conjunção	Contração	Preposição	Pronome	Substantivo	Verbo	
Acertos	28	10	170	108	139	83	10	217	62	50,59
Ocorrência	120	30	210	120	210	150	60	450	150	
% acertos	23,3	33,3	81,0	90,0	66,2	55,3	16,7	48,2	41,3	

4º (n=15)	Acertos	9	7	84	49	72	49	11	99	25	
	Ocorrência	60	15	105	60	105	75	30	225	75	
	% acertos	15,0	46,7	80,0	81,7	68,6	65,3	36,7	44,0	33,3	52,37
6º (n=20)	Acertos	17	13	114	69	104	60	10	142	33	
	Ocorrência	80	20	140	80	140	100	40	300	100	
	% acertos	21,25	65,0	81,4	86,3	74,3	60,0	25,0	47,3	33,0	52,67
8º (n=13)	Acertos	15	5	67	38	57	36	7	80	23	
	Ocorrência	52	13	91	52	91	65	26	195	65	
	% acertos	28,8	38,5	73,6	73,1	62,6	55,4	26,9	41,0	35,4	48,37
10º (n=13)	Acertos	13	6	61	33	56	35	10	85	28	
	Ocorrência	40	10	70	40	70	50	20	150	50	
	% acertos	32,5	60,0	87,1	82,5	80,0	70,0	50,0	56,7	56,0	63,87

Fonte: dados da pesquisa.

Para classificação dos níveis funcionais de leitura e compreensão do texto, a exemplo de Vuolo, Dalabona e Pletsch (2018), considerou-se que acertos de até 44% revelam o nível de frustração, indicando pouco êxito na compreensão. Percentuais de acertos entre 45% e 57% classificaria o discente no nível instrucional; e acertos acima de 57% classificaria o nível de independência, indicando que o aluno lê fluentemente, com precisão e compreende a maior parte do texto.

Observa-se, pelo percentual de acertos na Tabela 5, que apenas o décimo período obteve o resultado esperado – independente, com 63,87% de acertos, considerando a média de acertos para todas as classes gramaticais dos vocábulos omitidos. Os demais períodos 2º, 4º, 6º e 8º alcançaram respectivamente a média de 50,59%, 52,37%, 52,67% e 48,37% de acertos, classificando todos no nível instrucional, ou seja, esses discentes mesmo precisando de auxílio externo do professor, por exemplo, demonstram compreensão suficiente do teor do texto. Vale ressaltar que o 8º período que obteve a menor média foi também o período com maior índice de lacunas em branco.

Os resultados das médias de acertos usados para a classificação dos níveis funcionais de leitura apurados nesta pesquisa (independência no último período do curso e instrucional em todos os demais períodos) diferem daqueles descritos nos estudos de Nascimento e Garcia (2016) e de Vuolo, Dallabona e Pletsch (2018) que classificaram a compreensibilidade de leitura de suas amostras no nível de frustração e afirmaram que a maioria dos estudantes não possui habilidade de leitura suficiente, dificultando a compreensão do texto de cada tema aplicado por eles. Nesse estudo, as autoras intencionalmente extraíram textos de livros indicados como bibliografias básicas usados nas seguintes disciplinas do eixo profissionalizante: contabilidade I, contabilidade de custos, contabilidade tributária, legislação trabalhista e previdenciária, ética profissional e auditoria, ou seja, são leituras técnicas.

Pôde-se perceber, no entanto, dificuldades no preenchimento do teste em relação a algumas classes gramaticais. Com relação aos adjetivos observa-se que no 4º período o índice de acerto dessa classe gramatical foi de 15,00%; já o melhor resultado foi em relação à classe gramatical de conjunções, sendo o maior índice de acertos nesta classe alcançado pelo 2º período, com 90%, talvez por se tratar de uma conjunção aditiva formada por uma única letra (letra ‘e’) que faz a ligação entre duas orações. Nas classes gramaticais adjetivos, artigos, contrações, preposições, pronomes e substantivos os maiores índices de acertos foram alcançados pelo 10º período, logo em seguida o 6º período alcançou os melhores índices nas classes gramaticais artigos, conjunções e contrações.

É preciso destacar, com base nos resultados da Tabela 5, que o nível funcional de leitura cai para o nível de frustração em relação a algumas classes gramaticais de palavras. Na classe dos adjetivos todos os períodos se encontram no nível de frustração; na classe de advérbio o segundo período obteve 33,3% e o 8º período 38,5% ficando classificados no nível

frustração quanto à compreensibilidade. Também com relação aos advérbios, o 4º período obteve 46,7% o que o coloca no nível instrucional; o 6º e o 10º período, com 65% e 60% de acertos respectivamente, classificam-se no nível independente.

Nas classes gramaticais: artigo, conjunção e contração todos os períodos se classificaram no nível independente. Em relação às preposições o 2º e 8º estão no nível instrucional enquanto os demais períodos estão no nível independente. Quanto aos pronomes, exceto o 10º período onde os discentes se encontram no nível instrucional com 50,0%, todos os demais períodos estão no nível frustração. Os resultados com os substantivos que foi a classe gramatical de maior ocorrência, chegando a 450 vezes no 2º período, ficaram entre 41,0% e 56,7%. Nesta classe o 4º e o 8º período apresentaram, respectivamente, nível de frustração com 44,0% e 41,0%. Os demais períodos possuem nível funcional de leitura instrucional. Na classe gramatical verbo, com exceção do 10º período que se classificou no nível dependente, todos os demais períodos possuem nível funcional ‘frustração’, ou seja, apresentaram inúmeros erros de reconhecimento de palavras e compreensão deficiente.

É possível que a quantidade de acertos deva-se ao tamanho das palavras como artigos, conjunções e preposições que facilitam os acertos. As deficiências na compreensão de vocábulos – cuja extensão da palavra é maior e de mais complexidade – como adjetivos, advérbios e verbos, podem ser suprimidas ou amenizadas com ações específicas.

Quanto às lacunas em branco, o 8º período foi o que deixou maior número de lacunas sem preencher, no total foram 118; o 2º período deixou 100 lacunas em branco; o 6º período deixou 71; 4º período 24, e por fim o 10º período com 5 lacunas em branco. Na análise por períodos e classes gramaticais há ocorrências do nível frustração. Já na análise geral o 10º período está no nível independente e os demais períodos no nível dependente, portanto a nível geral nenhum período se classificou no nível frustração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se verificar a compreensibilidade de leitura de discentes do curso de Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Uberlândia, no Campus Pontal, a partir da aplicação da técnica de Cloze. Outros objetivos foram propostos a fim de (i) identificar a habitualidade e periodicidade de leituras dos discentes; (ii) caracterizar a compreensibilidade conforme os níveis funcionais de leitura (frustração, instrucional e independente); e (iii) verificar a evolução da compreensibilidade de leitura ao longo dos períodos cursados.

Verificou-se que após ingressar no curso ocorreu uma mudança no hábito de leitura dos estudantes: a leitura de entretenimento diminuiu e a leitura informativa, didática e técnica aumentaram. Constatou-se que o gênero textual lido semanal e quinzenalmente são os resumos. Artigos são lidos com periodicidade mensal, sendo o gênero textual menos citado como leitura habitual e periódica pelos discentes.

Para a aplicação da técnica de Cloze foi usado um texto jornalístico de natureza informativa e argumentativa sobre a participação feminina no mercado de trabalho. O texto foi preparado omitindo-se de forma sequencial a 7ª palavra. Em seu lugar o espaço foi lacunado com tamanho similar ao do vocábulo suprimido. Para a verificação dos acertos, etapa necessária à classificação do nível funcional de leitura e respectiva compreensibilidade foram consideradas como certas as palavras completadas que fossem idênticas às usadas pela autora do texto. Para a classificação dos níveis funcionais, em frustração, instrucional e independente, considerou-se o percentual de acertos de até 44%, entre 45% e 57%, e acima de 57%, respectivamente.

Diante dos resultados analisados pode-se notar que a maioria dos estudantes do curso analisado não possuía compreensão de leitura suficiente para preencher o teste de Cloze em

sua totalidade. Como o percentual de acertos, por classes gramaticais de palavras omitidas, em diversas classes foi inferior a 45%, a maioria dos respondentes está no nível frustração.

Com relação à média geral de acertos, apurada mediante o cálculo da média ponderada de todas as classes gramaticais por período que apenas o décimo período obteve o resultado esperado – independente, com 63,87% de acertos, considerando a média de acertos para todas as classes gramaticais dos vocábulos omitidos. Os demais períodos 2º, 4º, 6º e 8º alcançaram respectivamente a média ponderada de 50,59%, 52,37%, 54,84% e 48,37% de acertos, classificando todos no nível instrucional, o que leva a concluir, de acordo com os conceitos da técnica Cloze, que os discentes compreendem o teor do texto, mas precisam de auxílio externo do professor para maior compreensibilidade.

Os resultados mostraram que o fato de o respondente estar cursando as fases finais do curso não significa que este tenha maior nível de compreensão que os iniciantes, pois neste caso o resultado do 2º período foi melhor que o resultado do 8º período. Pôde-se notar também que foram os discentes do 8º período que deixaram o maior número de lacunas em branco, ou seja, mesmo estando nas fases finais do curso o aluno não teve segurança para completar algumas lacunas preferindo deixá-las em branco.

Constatou-se que não ocorre uma evolução na compreensibilidade de leitura à medida que os alunos vão integralizando o curso, mas apenas uma melhora no 10º período, pois este foi o único que se classificou no nível independente, talvez porque nesta fase os estudantes já estejam trabalhando com o TCC e este fato faz com que a quantidade de leitura aumente.

Destacam-se como limitações da pesquisa o período em que o instrumento de pesquisa foi aplicado o que limitou a amostra populacional. Recomenda-se para pesquisas futuras a aplicação nos demais cursos de Ciências Contábeis da própria Universidade Federal de Uberlândia, para comparar a compreensibilidade e agregação de conhecimento e talvez replicar o estudo no curso de Ciências Contábeis visando abranger um maior número de estudantes do curso.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Kátia Nazareth Moura *et al.* O teste de Cloze como instrumento de medida da proficiência em leitura: fatores linguísticos e não linguísticos. **Revista de Estudos e Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1767-1799, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/11366/pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- ALCARÁ, Adriana Rosecler; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. Compreensão de leitura, estratégias de aprendizagem e motivação em universitários. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 44, n. 3, pp. 411-420, jul./set. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12258/10416>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- ALCARÁ, Adriana Rosecler. **Compreensão de leitura, estratégias de aprendizagem e motivação em universitários: estudos de validade de medidas**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade São Francisco, Itatiba, 2012. Disponível em: <http://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/604131434300132.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Leitura e universidade: um estudo do comportamento de leitura em alunos de pedagogia da UFPA. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 4, n. 5, p. 44-70, jun. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v4i5.2787>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2787/2919>. Acesso em: 10 abr. 2019.

- AMORIM, Celeste Dias Amorim *et al.* Legibilidade de artigos científicos da área de ciências ambientais. **Ambiência Guarapuava**, Paraná, v.11, n.3, p. 753-770, set./dez. 2015. DOI: 10.5935/ambiencia.2015.03.16nt. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Milton_Ferreira_Da_Junior/publication/285544088_Readability_of_scientific_articles_in_the_field_of_environmental_science/links/5b17049da6fdcc6d3e04f582/Readability-of-scientific-articles-in-the-field-of-environmental-science.pdf. Acesso em: 18 nov. 2019.
- ANDRADE, Jesusmar Ximenes. **Compreensibilidade de livros texto de contabilidade: um estudo empírico com a utilização da técnica Cloze**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-13102005-104805/pt-br.php>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- ANDRADE, Jesusmar Ximenes; MARTINS, Gilberto de Andrade. Compreensibilidade de livros texto de contabilidade: um estudo empírico com a utilização da técnica Cloze. *In*: CONGRESSO DA USP DE CONTABILIDADE E CONTROLADORIA, 4., 2003. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, 2003. Disponível em: <https://congressousp.fipecafi.org/anais/artigos42004/368.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- ANGLAT, Gilda Difabio. El test cloze en la evaluacion de la comprension del texto informativo de nivel universitario. **Revista de Linguística Teórica e Aplicada**, Concepción, Chile, v. 46, n. 1, I sem., 2008, p. 121-137 Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/rla/v46n1/art07.pdf>. Acesso em: 31 out. 2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- BISPO, Rosiene Omena. Teste cloze: ferramenta de compreensão leitora experiência no ensino fundamental. **Saberes Docentes em Ação**. Maceió – Alagoas, v. 02, n. 01, p. 195-210, nov. 2016. Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/lucasragucci/pdf/2016/11/14-TESTE-CLOZE-FERRAMENTA-DE-COMPREENS%C3%83O-LEITORA.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2019.
- CARDOSO, Ricardo Lopes; RICCIO, Edson Luiz. Existem competências a serem priorizadas no desenvolvimento do contador? Um estudo sobre os contadores brasileiros. **Revista de Gestão**. São Paulo, v. 17, n. 3, p. 353-367, jul./set. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rege/article/download/36712/39433/>. Acesso em 10 abr. 2019.
- CARLINO, Paula. Alfabetización académica: un cambio necesario, algunas alternativas posibles. **Educere**, Mérida, v. 6, n. 20, p. 409-420, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/356/35662008.pdf> Acesso em: 10 nov. 2019.
- COSTA, Patrícia de Souza *et al.* O teste Cloze na avaliação de aprendizagem: o caso dos alunos da disciplina de Contabilidade de Custos I do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CUSTOS, 9., 2005. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/viewFile/1906/1906>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- COSTA, Patrícia de Souza *et al.* Estudo empírico do grau de compreensibilidade e de legibilidade dos relatórios de administração e da escala de locus de controle nos cursos de administração e ciências contábeis. *In*: ENCONTRO DA ANPAD. **Anais eletrônicos** [...].

Salvador, 2006. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-fica-1124.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

COSTA, Taísa Lopes Soares. **Análise de legibilidade dos pronunciamentos técnicos do Comitê de Pronunciamentos Contábeis**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/11559/1/2014_TaísaLopesSoaresDaCosta.pdf. Acesso em: 10 abr. 2019.

CUNHA, Rafael Koifman Carneiro. **Análise da facilidade de leitura das demonstrações contábeis das empresas brasileiras: uma investigação do gerenciamento de impressões nas narrativas contábeis**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Universidade de Brasília, Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: http://ppgcont.unb.br/images/PPGCCMULTI/mest_dissert_164.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

CUNHA, Vera Lúcia Orlandi. **Perfil de escolares do 3º ao 5º ano do ensino fundamental I em compreensão de leitura: elaboração de instrumento avaliativo**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2012. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102216/cunha_vlo_dr_mar.pdf?sequence=1. Acesso em: 26 jun. 2018.

CURTO, Pedro Santos Lopes. **Classificador de textos para o ensino de português como segunda língua**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Informática e de Computadores) – Instituto Técnico Lisboa, nov. 2014. Disponível em: <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/844820067123926/Tese-64834-PedroCurto.pdf>. Acesso em 18 nov. 2019.

FERNANDES Raúl Cesar Gouveia; MAIA, Rodrigo Filev. Comportamento leitor de universitários: um estudo com alunos de administração e computação. In: SEMINÁRIO DO INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 3. **Anais eletrônicos [...]**. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/1713.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional: principais resultados**. 2011. Disponível em: <https://ipm.org.br/inaf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso em: 04 jul. 2019.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo *et al.* Avaliação da compreensão de leitura pelo sistema orientado de Cloze (SOC). **Fractal Revista de Psicologia**, v. 26, n. 1, p. 223-242, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v26n1/v26n1a16.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; PAULA, L. M. de. Avaliação do uso de estratégias de aprendizagem e a compreensão em leitura de universitários. Em JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; SISTO, Firmino Fernandes. F.(Orgs.). **Questões do cotidiano universitário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 33-58.

LANG, Jeter; ZANCHETT, Ricardo; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. Compreensão de leitura a luz do teste cloze: comparação entre ingressantes e concluintes do curso de Administração. *In: CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO – ADMINISTRAÇÃO*, 7. **Anais eletrônicos [...]**. Convibra, 2007. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/artigo.asp?ev=22&id=2062>. Acesso em: 29 jun. 2019.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. 1. ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LIMA, Thatiana Helena. **Compreensão de leitura em alunos do ensino fundamental II: o teste de cloze como alternativa de avaliação**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco. Itatiba, 2015.

LOUSADA, Eliane G. **Gêneros textuais no ambiente universitário**. 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4297653/mod_resource/content/1/Palestra%202018_1osem_2_vf%20%281%29.pdf. Acesso em: 01 jul. 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. 2002. Disponível em:

[Fhttps://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf). Acesso em: 04 jul. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CES 10, de 16 de dezembro de 2004**.

Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, e dá outras providências. 2004. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces10_04.pdf. Acesso em: 10 de abr. 2019.

MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. O Cloze como instrumento de avaliação de leitura nas séries iniciais. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 135-142, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n1/v18n1a14.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

NASCIMENTO, Deborah Maria de Sousa; GARCIA, Editinete André da Rocha.

Contribuição do hábito de leitura dos discentes do curso de ciências contábeis para o desenvolvimento de competências profissionais. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE*, 20, 2016. **Anais eletrônicos [...]**. Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://20cbc.cfc.org.br/anais/files/95C.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

NASCIMENTO, João Carlos Hipólito Bernardes *et al.* Compreensão de leitura de graduandos em contabilidade: a proposição de uma agenda de pesquisa. **Revista Ambiente Contábil**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 9, n. 1, p. 324-343, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/ambiente/article/view/9623>. Acesso em: 29 jun. 2019.

NASCIMENTO, Deborah Maria de Sousa; GARCIA, Editinete André da; ALBUQUERQUE FILHO, Antônio Rodrigues. Contribuição do hábito de leitura dos discentes do curso de ciências contábeis para o desenvolvimento de competências profissionais. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, Florianópolis, SC, v. 18, p. 1-17, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.16930/2237-766220192825>. Disponível em: <http://revista.crcsc.org.br/index.php/CRCSC/article/view/2825>. Acesso em: 29 jun. 2019.

OLIVEIRA, Katya Luciane; BORUCHOVITCH, Evely; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. A técnica de Cloze na avaliação da compreensão em leitura. In: Cloze: um instrumento de diagnóstico e intervenção, p. 47-78, 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

OLIVEIRA, Katya Luciane SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; PRIMI, Ricardo. Estudo das relações entre compreensão em leitura e desempenho acadêmico na universidade.

Interação em Psicologia, v. 7, n. 1, p. 19-25, jan./jun. 2003. DOI:

<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v7i1.3203>. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3203/2565>. Acesso em: 10 abr. 2019.

OLIVEIRA, Raquel Ávila Maia de; OLIVEIRA, Katya Luciane de. Leitura e condições de estudo em universitários ingressantes. **Revista de Psicologia da Vektor Editora**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 51-59, jan./jun. 2007. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v8n1/v8n1a07.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

RIBEIRO, Amarolina. Participação feminina no mercado de trabalho. © 2019 Rede Omnia. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/participacao-feminina-no-mercado-trabalho.htm>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SAMPAIO, Isabel S.; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Leitura e redação entre universitários: avaliação de um programa de intervenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 31-38, jan./jun. 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v7n1/v7n1a04.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SANTANA JUNIOR, Jorge José Barros de; PEREIRA, Dimmitre Morant Vieira Gonçalves; LOPES, Jorge Expedito de Gusmão. Análise das habilidades cognitivas requeridas dos candidatos ao cargo de contador na administração pública federal, utilizando-se indicadores fundamentados na visão da Taxonomia de Bloom. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 19, n. 46, p.108-121, abr. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-70772008000100009>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcf/v19n46/v19n46a09.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. O Cloze como técnica de diagnóstico e remediação da compreensão em leitura. **Interação em Psicologia**, v. 8, nº 2, p. 217-226, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3257/2617>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SANTOS, Eva Catalina Pierotti dos. Compreensão de leitura: aplicação da técnica de cloze em estudantes universitários. A pedagogia das competências no ideário da formação de professores. **Intellectus – Revista Acadêmica Digital das Faculdades Unopec**. Sumaré, n. 2, v. 4, p. 58-81, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.revistaintellectus.com.br/DownloadArtigo.ashx?codigo=40>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SILVA, Elza Maria Tavares; WITTER, Geraldina Porto. Compreensão de texto e desempenho acadêmico em estudantes de psicologia. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 395-403, jul./set. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300008>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n3/a08v25n3.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SILVA, Maria de Fátima *et al.* O hábito da leitura dos universitários. **Revista Leitura**, v. 2, n. 56, p. 60-73, jul./dez. 2015. DOI: 10.28998/2317-9945.2015vn56p60-73. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2336/2039>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SOHNGEN, Clarice. O procedimento de Cloze. **Revista Letras de Hoje**, v. 37, n. 2, p. 65-74, jun. 2002. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14174/9411>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TANZAWA, Elaine Cristina Liviero; PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa. Leituras prescritas e práticas de leitura de estudo no ensino superior. **Psicologia escolar e educacional**, v.16, n. 2, Maringá, jul./dez., 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572012000200009&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 18 dez. 2019.

TOURINHO, Cleber. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito? **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras, v. 1, n. 2, p. 325-346, jul./ dez., 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/view/10966/7272>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VUOLO, Daniela Aparecida; DALLABONA, Lara Fabiana; PLETSCHE, Caroline Sulzbach. Compreensibilidade de leitura dos estudantes de ciências contábeis por meio da técnica cloze. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 01-27, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22561/cvr.v29i1.3603>. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista/article/view/3603>. Acesso em: 10 abr. 2019.

ZOBARAN, Ricardo. **Legibilidade (readability) das demonstrações contábeis**: uma análise da facilidade de leitura das notas explicativas das companhias abertas. Dissertação (Ciências Contábeis e Atuariais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/22034/2/Ricardo%20Zobaran.pdf>.

APÊNDICE A – Questionário

Este instrumento de pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso da discente Mércia de Cássia Lima Alves sob orientação da docente Prof.^a Marli Auxiliadora da Silva, ambas do curso de Ciências Contábeis Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social (FACES) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O objetivo da pesquisa é “verificar a associação entre a compreensão de leitura e o desempenho acadêmico dos discentes”. O tempo médio para responder o questionário será no máximo de 30 minutos.

TEXTO PARA LEITURA E PREENCHIMENTO

INSTRUÇÕES: No texto abaixo há espaços em branco que você deve completar com a palavra que acredita estar faltando.

Participação feminina no mercado de trabalho

A participação feminina no mercado de trabalho tem se ampliado nos últimos anos, contudo, as condições de trabalho e a remuneração ainda precisam melhorar. No Brasil, é crescente a participação da mulher no mercado de trabalho, e é notório o aumento de sua importância na economia. No entanto, é progressiva também a responsabilidade feminina no sustento da família.

Embora a mulher seja destaque em (1) _____ setores profissionais, as funções exercidas, os cargos (2) _____ as remunerações dessas mulheres ainda se (3) _____ em defasagem considerável quando comparados com (4) _____ dos homens.

As mulheres brasileiras ainda (5) _____ em média setenta por cento do (6) _____ que os homens ganham para executar (7) _____ mesmas tarefas, nos mesmos postos de (8) _____. Além disso, as condições de trabalho (9) _____ a hierarquia nas instituições ainda desfavorecem (10) _____ mulheres em relação aos seus colegas (11) _____ sexo masculino. Os cargos de chefia ainda são (12) _____, na maioria dos setores, por homens, (13) _____ em profissões tidas como historicamente femininas.

(14) _____ ocupações socialmente associadas às mulheres são (15) _____ que derivam do histórico papel social (16) _____ “mulher cuidadora”. Essas profissões possuem status (17) _____ e remunerações inferiores. Na saúde, por (18) _____, as auxiliares e técnicas de enfermagem (19) _____ com menor remuneração) são em sua (20) _____ mulheres. Já os médicos cirurgiões são (21) _____ sua maior parte homens e possuem (22) _____ social e remuneração infinitamente superiores. Essa (23) _____ ocorre em quase todos os setores.

(24) _____ dos fatores preponderantes para a conservação (25) _____ quadro desigual envolve aspectos históricos, culturais (26) _____ sociais. As mulheres continuam sendo as (27) _____ responsáveis pelas tarefas domésticas, cuidado com (28) _____ filhos e demais responsabilidades familiares. A (29) _____ continua acumulando papéis, mesmo quando inserida (30) _____ sucesso no mercado profissional. Conciliar a (301) _____ profissional e as atividades da vida (32) _____ ainda é um desafio muitas vezes (33) _____ para as mulheres trabalhadoras.

A questão (34) _____ dupla jornada feminina não está apenas (35) _____ sobrecarga, muitas vezes, insuportável. Reside também (36) _____ problema real da rejeição do mercado (37) _____ trabalho à mulher com responsabilidades familiares. (38) _____ mulher que possui filhos, muitas vezes, (39) _____ preterida em seleções de emprego ou (40) _____ cargos de chefia.

Alternativas para a (41) _____ do abismo que ainda separa homens (42) _____ mulheres no mercado de trabalho podem (43) _____ de políticas públicas que priorizem abertura (44) _____ vagas e ampliação de pré-escolas, (45) _____ e escolas de tempo integral. Além (46) _____, é necessário e inadiável nutrir o (47) _____ e a desconstrução dos papéis sociais de (48) _____ a fim de edificar um mercado de (49) _____ e uma sociedade mais igualitários em (50) _____ e oportunidades para homens e mulheres.